

Deserto no Arizona...

A noite dorme ainda.

Centro de Nano Tecnologias dos Estados Unidos.

Uma base oculta no meio do nada e o mais seguro cofre do mundo.

Lá dentro o mais bem guardado segredo do mundo: *Flamel* – o segredo da pedra filosofal, não mais devaneio da ficção fantástica ou especulativa.

Cá fora, a ameaça terrorista da Tríade, comandada por uma suposta bióloga apenas conhecida por Medusa, deseja o segredo alquímico.

A mulher, a coberto das rochas e da noite, espreita o objectivo, agora esverdeado pelo intensificador de imagem. O auscultador acorda:

– Flagelo a postos! Prontos para abrir a caixa...

– Prossigam – foi a resposta.

*Pandora*. A operação posta em marcha pelos rumores surdos da descoberta.

Um pequeno escorpião negro correu entre duas pedras. E de novo o auscultador:

– Flagelo à solta!

– Avançamos daqui a um minuto – soou a voz feminina nos intercomunicadores terroristas.

Na base instalara-se o caos. Soavam alarmes. Gritavam-se ordens. Soldados corriam.

– Que raio de brincadeira – resmungou um soldado estremunhado, a tentar ajustar o capacete – outro exercício nocturno... estes gajos não desistem.

Não era exercício. Era um ataque e era a sério. E estranho...

Subitamente todos na base se sentiam fracos, cambaleando e caindo, esmagados por uma dor que lhes tolhia os movimentos e os arrastava, informes como uma trouxa, para o chão. O inimigo invisível fazia estragos.

– Agora!

Era a Medusa, outra vez.

O grupo avançou rapidamente sob o olhar das estrelas do deserto. Pouco tempo porém... Os sintomas dos sitiados passaram a ser os dos assaltantes.

Algo falhara no equipamento de protecção...

– Abortar! Abortar!

O alarme da vanguarda diluiu-se no resfolegar dos homens que se desconjuntavam agonizantes. E depois veio o silêncio.

Cristina e Joel, ex-bolseiros portugueses, há oito anos em Nova Iorque, eram nanotecnólogos e, como de há um tempo a esta parte, desesperavam-se com os seus polímeros regeneradores de tecido ósseo e cartilagem quando foram interrompidos pela assistente, Luísa, também ela bolseira, chegada há pouco mais de dois anos, e praticamente tão envolvida no projecto quanto eles.

– Chamada urgente. Quem responde?

– Passa-a para aqui – disse Cristina.

– Nanobiotics, boa tarde.

– Quem fala?

– Cristina O...

– Muito bem, Dra. Cristina... Fala a assistente pessoal do governador do Arizona.

Temos um alerta vermelho, com uma condição a evoluir grave e rapidamente. O número de afectados é alarmante. Sintomas? A estrutura óssea perde consistência e consome-se gradualmente. Os infectados morrem. Parece ser culpa duma bactéria que se alimenta do tecido ósseo. Como parecem ser as maiores autoridades em regeneração óssea, requisitámos de imediato a vossa ajuda.

– Com certeza, mas...

– Não há tempo a perder. O presidente está ao corrente e o FBI deverá estar a tocar-vos à campanha. Espera-vos um voo especial para se juntarem a nós, tão depressa quanto possível. Não tragam nada, para além do polímero.

– Como é que se desencadeou a epidemia? E como sabe dos polímeros?

– Não estou autorizada a revelar mais nada.

– Quais são os riscos? – perguntou Cristina.

– Todas as precauções estão tomadas, descansem. Estamos à vossa espera.

A chamada foi cortada e ambos os cientistas se entreolharam, certos de que algo de muito estranho se passava.

O helicóptero acabara de iniciar a aterragem algures no meio do deserto, quando a areia deu lugar à escuridão de um hangar subterrâneo. Tragado pelo abismo, o helicóptero desapareceu devolvendo à areia o seu espaço. A penumbra azulada que se seguiu encheu-se de um vapor denso que desapareceu logo de seguida num silvo agudo.

“Desinfecção completa. Podem avançar.”

À voz metálica, um grupo de soldados alinhou-se junto ao helicóptero para receber os cientistas.

– Bem-vindos! Comandante John Stalker, mas podem chamar-me Chefe. Sigam-me. Eu faço o ponto da situação.

Sob escolta militar, acompanharam o comandante até uma porta amarela onde os três foram abandonados.

– Esta zona é restrita. Ali é a ala dos infectados. Aqui o laboratório que vos está destinado. O acesso é totalmente reservado. Entrem e equipem-se, por favor.

Metidos nos fatos BioShield, a movimentação dos dois cientistas perdia em flexibilidade. Estavam mais artilhados que um astronauta na Lua, com a desvantagem da gravidade. O laboratório parecia, também ele, entre o tremeluzir multicolor do emaranhado electrónico de teclados e monitores – com funções insuspeitas para os dois nanotecnólogos –, uma estação espacial entupida de tubos e tendas de plástico transparente.

– Não reconhecemos alguma da vossa aparelhagem – disse Cristina, enquanto Joel se detinha a analisar o cenário de ficção científica.

– Para qualquer dúvida ou dificuldade que tenham, a líder da equipa está à vossa disposição... a Dr.ª Sandra – juntou, apresentando-a aos dois cientistas.

Era uma mulher alta de ar decidido e seco.

– Encantada, ilustríssimos! Li muita coisa sobre a vossa regeneração de tecidos – verdadeiramente inspirador! Aliás, estarem aqui, é ideia minha.

– É uma honra – respondeu, seco, Joel.

Algo na familiaridade daquela mulher lhe inspirava desconfiança. O seu trabalho era praticamente desconhecido da comunidade científica, à parte a assistente e mais um ou dois colegas. De repente, parecia-lhe que havia gente de mais a par dele.

Nessa noite, após o jantar, Joel e Cristina encontravam-se a sós.

– Não achas estranho, haver tanta gente a conhecer a nossa pesquisa? Supostamente era segredo.

– Não tenho pensado noutra coisa. Alguém teve acesso aos dados – retorquiu Cristina.

– Mas como e quem?

– É o que me assusta – respondeu Joel.

– E a Luísa? Não respondeu a nenhuma das mensagens desde que partimos.

– Também não respondeu aos telefonemas que fiz. É estranho.

Entreolhando-se, tiveram um vislumbre de como se teria espalhado o conteúdo do seu trabalho. Mas não. Não fazia qualquer sentido. Luísa trabalhara naquele projecto desde o início. Tinham toda a confiança nela.

– Então bom dia! Tudo em ordem?

– Bom dia, Chefe – insinuou-se Cristina. – Que substância usam para desinfectar o hangar principal?

– Cianeto de potássio – respondeu Sandra, aparecendo do corredor. – Letal para as bactérias, e para nós. Radical! Foi ideia minha. O princípio, contudo, não pode ser usado como cura, é óbvio.

– Talvez possa – disse Joel, de modo a que apenas Cristina o ouvisse.

Em total sintonia com Joel, Cristina acompanhou-o ao laboratório.

Era forçoso concluir a pesquisa para testar a viabilidade dos polímeros regeneradores do tecido ósseo na presença da bactéria, que se revelara muito mais difícil que o esperado: com a bactéria no organismo, a regeneração óssea era contraproducente; davam apenas mais alimento às bactérias, ajudando à sua proliferação. Não. Era necessário eliminar a bactéria, para poder regenerar o tecido.

Durante o almoço Joel comentou com Cristina:

– Temos que identificar os marcadores químicos da bactéria.

– Mas para quê? Não é da nossa competência. E depois, não confio nesta gente. Fiquemo-nos pela regeneração dos tecidos. Eles que tratem da bactéria.

– Sinto o mesmo que tu, mas já pensaste no prestígio duma cura?

– Mesmo assim. Tenho receio.

– A solução para nós é simples. Basta colocarmos o cianeto de potássio em nanocápsulas que o libertem apenas quando em contacto com os marcadores químicos das bactérias. Depois, desintegrada a molécula, deixaria de haver risco tóxico.

– Temos que determinar a energia necessária para a sua desintegração.

– E se os marcadores da bactéria coincidem com os de alguma célula humana. Não te esqueças que o sistema imunitário não ataca a bactéria.

– Teremos que o testar numa amostra.

Sob o olhar néscio do guarda de serviço, Joel e Cristina manipulavam discretamente uma amostra da bactéria: era incompreensível a forma descuidada como alguns colegas manipulavam o perigo e, por sorte, o deixavam ao alcance de mãos impróprias.

A noite escoou-se a tentarem criar nanocápsulas eficazes para uma vacina, mas a desintegração limpa do cianeto de potássio estava a tornar a tarefa quase impossível.

Passava já das seis da manhã quando Joel gritou, eufórico:

– FUNCIONOU! CONSEGUIMOS! A nanovacina está pronta! Temos a cura! Só falta testar *in vivo*... Cristina?

Mas ninguém respondeu.

– Cristina?

– Aqui – disse uma voz familiar.

Era Sandra, acompanhada de dois homens enormes que arrastavam uma Cristina manietada. E Luísa vinha logo atrás.

– Tu, Luísa?! Porquê?

– Todos temos prioridades. As minhas são um pouco diferentes das vossas, doutor.

Um sorriso sublinhou o tom malicioso.

– Sacanas! Libertem-na!

– Lamento. Infelizmente morrerão os dois. Só preciso de saber se a vacina é eficaz, e se a podemos utilizar para o nosso objectivo.

– Objectivo?!

– Não pensaram sequer na razão de tanta segurança no meio do nada? A pedra filosofal! Riqueza sem fim e vida eterna! Está aqui! E vai ser nossa! Sobretudo agora que temos protecção contra a nossa bactéria.

– Nossa?!

– Como acham que adivinhei que apenas o cianeto de potássio era letal para a bactéria? Fui eu quem a criou – disse Sandra, sempre com um sorriso nos lábios. – Confesso que a vossa pesquisa me deu uma ajuda enorme. Vocês são brilhantes. Pena que estejam agora no caminho da Medusa.

– ASSASSINA! – rugiu Joel, partindo a protecção da amostra bacteriológica e inserindo a nanovacina numa seringa. Depois lançou-se sobre Cristina inoculando-a e libertando-a.

Ouviu-se um tiro.

Joel fora atingido pelas costas.

Mas a Tríade nada mais fez. A bactéria, rápida, tinha-os infectado e arrastava-os para o chão, o mesmo chão que parecia estar já a sugar o corpo de Joel.

– NÃO! Por amor de Deus, Joel. Aguenta-te!

– Explica tudo ao Chefe e entrega-lhe as cápsulas. Adorei conhecer-te... trabalhar contigo... – e a voz, embrulhada, cortou-lhe as palavras. Que maneira de acabar...

Cristina, dobrada sobre o cadáver lasso, ficou ali a chorar enquanto a base ia acordando à sua volta. Conhecia o sucesso, mas tudo parecia ter perdido o significado. E nem sequer reparou que tinha sido isolada pelo sistema de segurança que protegia a base em caso de fuga ou contaminação...